Forum Sociológico

Série II

24 | 2014

Circulação de saberes e desafios em saúde

Editorial

Luísa Ferreira da Silva e João Sedas Nunes

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/sociologico/1141>

DOI: 10.4000/sociologico.1141

ISSN: 2182-7427

Editora

CICS.NOVA - Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa

Edição impressa

Paginação: 7-9

ISSN: 0872-8380

Referência eletrónica

Luísa Ferreira da Silva e João Sedas Nunes, «Editorial», *Forum Sociológico* [Online], 24 | 2014, posto online no dia 01 novembro 2014, consultado o 31 março 2022. URL: <http://journals.openedition.org/sociologico/1141> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/sociologico.1141>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 março 2022.

© CICS.NOVA

Editorial

Luísa Ferreira da Silva e João Sedas Nunes

- 1 Neste número supunha-se a *Forum Sociológico* regressar ao seu formato habitual, articulando um dossiê com mais alguns artigos avulsos. Tal todavia não aconteceu. O facto de o dossiê previsto reunir uma seleção de comunicações realizadas num congresso, aliado ao êxito – entenda-se: excecional qualidade – do evento, que tornou absolutamente necessário ampliar o número de comunicações objeto de seleção para publicação, ditou uma solução de exclusão de quaisquer textos que não fossem oriundos do congresso em causa.
- 2 Assim, este número da *Forum Sociológico* é integralmente composto por textos apresentados ao V Congresso Ibero-Americano de Pesquisa Qualitativa em Saúde, *Circulação de Saberes e Desafios em Saúde*, que teve lugar em Lisboa, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, nos dias 11, 12 e 13 de Outubro de 2012, organizado por várias instituições universitárias: CAPP / ISCSP – UTL, CES – FE – UC, CIES / ISCTE – IUL, ISCSEM / ESSEM, em parceria com CEMRI – UAB e UIDE e Programa de Doutoramento em Enfermagem – ESEL.
- 3 O Congresso Ibero-Americano de Pesquisa Qualitativa em Saúde teve a sua primeira edição em 2003 e desde então renova-se a cada dois anos, constituindo o ponto alto de uma estratégia de afirmação das ciências da compreensão em saúde num contexto internacional marcado pela valorização do conhecimento assente nos dados quantitativos.
- 4 Paralelamente à efervescência de comunicações, conferências e grupos de trabalho que o Congresso significa, o conjunto de pesquisadores/as envolvidos/as nos trabalhos tem multiplicado as publicações em livros e em periódicos, bem como as redes e centros de pesquisa e as colaborações intercontinentais que, ao longo do tempo e do espaço ibero-americano, mantêm e diversificam os diálogos marcados pelo objetivo de compreender a saúde sem perda da complexidade nas suas várias dimensões.
- 5 O campo da saúde está bem no centro da problemática de interrogação sobre o futuro que entre a aposta liberal e o estado social transformou o debate sobre a sociedade que queremos construir em discussão de opções ditadas pelos poderosos condicionalismos económico-financeiros. Na saúde, o objeto da ciência e da técnica é o humano social que

comporta valores, transporta objetivos e interesses, reproduz hábitos, decide e atua em função de lógicas complexas de que o subjetivo não se ausenta. O poderoso desenvolvimento da ciência e da técnica no domínio do organismo humano cada vez mais se confronta com as limitações impostas pela própria especialização que a fez avançar. Da cura da doença à sua prevenção, da prevenção à promoção da saúde natural e desta à construção do saudável como produtor de corpos reconstruídos e de “novas saúdes”, a sociedade apela ao saber das ciências sociais para que expandam a compreensão e o pensamento crítico, em abordagens multidisciplinares da complexidade. Este Congresso, que reúne pensamento científico de abordagem metodológica qualitativa em torno da problemática da saúde, é uma expressão dessa exigência das sociedades e é um espaço de contributos para o futuro desconhecido (texto parcial da Mensagem de Boas-Vindas inserida no programa).

- 6 A saúde coletiva, tal como se afirmou particularmente no Brasil, teve o mérito de constituir um domínio de cruzamentos de saberes e interrogações que expandem o conhecimento da saúde e as formas da sua produção. A leitura do conjunto heterogêneo de contributos reunidos neste número da revista terá em conta que ele abriga comunicações de/sobre pesquisa qualitativa em saúde, não caindo na tentação de o pensar como uma coleção específica de sociologia ou de ciência social da saúde. A *Forum Sociológico* soube reconhecer o interesse da publicação deste conjunto de conferências e palestras produzidas por cientistas sociais, por profissionais da medicina, da enfermagem e da gestão.
- 7 Os textos correspondem a conferências produzidas oralmente, o que significa que a sua apresentação não segue (sempre) os critérios da formalidade específica da publicação científica (explicitação de todos os conceitos, diversificação da bibliografia, inovação, fundamentação por pesquisa empírica, por exemplo). Mais do que dar conta de resultados de pesquisa, estes artigos são de reflexão epistemológica e/ou metodológica, textos que refletem a procura de novos caminhos de questionamento das formas dominantes de definição da ciência da saúde. Pôr os/as investigadores/as a pensar é a função central de um encontro científico e a seleção de comunicações que ora se dá à estampa reflete essa atitude. Nessa medida, alguns destes artigos podem ser polémicos, construídos, em alguns casos, em torno de argumentações pouco convencionais (ou pouco convencionalmente argumentados) no meio da publicação académica. Cada texto é apresentado na língua original do/a autor/a, ou seja, há textos em língua portuguesa e em castelhano.
- 8 O número abre com um texto de Graça Carapinheiro, *Os desafios dos saberes na investigação em saúde*, que corresponde à conferência de abertura do Congresso e situa a temática da investigação em saúde de uma forma ampla, nas suas várias dimensões e implicações. Trata das relações que no campo da produção dos saberes se estabelecem entre as racionalidades científicas específicas no contexto das razões históricas da sua institucionalização em posições de valor desigual. A autora interroga a construção médica da saúde e da doença configurada por dimensões políticas, económicas e culturais na medida em que, como afirma, independentemente das fenomenologias biológicas e fisiológicas constitutivas das suas realidades médicas e clínicas, saúde e doença podem ser considerados mapas simbólicos reveladores das estruturas políticas, sociais e culturais que lhes dão significado e sentido.
- 9 Maria Lúcia Bosi, em *Desafios atuais para a pesquisa qualitativa: considerações no cenário da saúde coletiva brasileira*, aborda o tema da perspectiva metodológica qualitativa em saúde

do ponto de vista mais específico dos desafios à sua consolidação. Situa a necessidade de clarificação ao nível dos conceitos e dos idiomas utilizados, bem como de inovação a nível dos modelos que devem incorporar contribuições de outros campos do saber, nomeadamente as artes, como forma de dar conta da complexidade, além da necessidade de reflexão a nível da qualidade da produção. Equaciona a questão da formação no enfoque qualitativo (na formação inicial da maioria dos estudantes de saúde coletiva é dominante a “cultura da quantidade”) tendo em conta a sua importância para a refundação do sistema e das práticas de saúde. Considera que o aporte primordial do enfoque qualitativo é a inoculação do campo da Saúde Coletiva Humana, com o que é subjetivo, afetivo, livre e criador.

- 10 Madel T. Luz, em *Impactos da tecnociência nos saberes, na cultura da vida e saúde*, dá-nos uma síntese analítica das transformações na *episteme* da modernidade (séculos XVI-XIX), na cultura científica contemporânea, sobretudo nos aspetos concernentes à natureza, vida e saúde. Recorrendo a Weber, Marx e Foucault, descreve a mudança paradigmática da ciência moderna, de uma busca de teorias explicativas das “leis” da natureza, para uma episteme tecnocientífica, em que a eficácia resolutive tem mais importância do que a explicação ou a interpretação teórica. A autora aborda a questão das dificuldades a nível do diálogo entre este modo de conhecimento, historicamente novo, e as outras dimensões do conhecer e discorre sobre as relações da tecnociência com o poder. Constata que o modo de produção de verdades tecnocientíficas é um constructo social grandioso, “uma enorme superestrutura”, cuja transformação no sentido da recuperação do significado do *humano* e do *natural* não será tarefa simples.
- 11 O artigo de Fernando Peñaranda, *La implicación moral del investigador*, discorre teoricamente, com recurso a bibliografia de referência no quadro de diferentes áreas disciplinares das ciências sociais, sobre o investigador como sujeito prático implicado com a justiça e sobre a investigação como prática moral. Conclui que à investigação se exige que seja eticamente reflexiva, desenvolvendo uma posição crítica face à ciência e à sociedade, o que exige que a formação para a investigação desenvolva uma sólida consciência ética capaz de resistir à instrumentalização pelos poderes dos diversos campos do social.
- 12 O artigo de Carlos Calderón, *La investigación cualitativa en el ámbito de los Servicios de Salud en España: Caminos recorridos y reflexiones desde el presente*, apresenta informação detalhada sobre a produção científica de investigação qualitativa em saúde nos últimos trinta anos em Espanha. Identifica três desafios para a investigação em saúde de natureza qualitativa: a necessidade de ter em conta a complexidade dos fenómenos a estudar; a importância da colaboração interdisciplinar e transdisciplinar; e o investimento político no sentido da consolidação de serviços públicos capazes de assegurar a complementaridade entre assistência, docência e investigação.
- 13 Carolina Martínez-Salgado, em *Desafíos metodológicos de la investigación cualitativa iberoamericana en salud. En la confluencia de tres vertientes*, também reflete a partir de uma revisão de publicações, centrando-se na investigação qualitativa em saúde com ênfase na pesquisa ibero-americana. Este é um artigo em que a autora não expõe a análise do material consultado mas, a partir da sua leitura, que apresenta como algo impressionista, equaciona uma reflexão relacionada com a sua experiência pessoal. Dessa forma identifica três tipos de desafios: o da capacidade de afirmação da complexidade da abordagem qualitativa face à medicina baseada na evidência; o da

dificuldade epistemo-metodológica da abordagem da realidade e da interpretação; e os desafios prático-éticos implicados na relação investigador-investigado.

- 14 Ma. del Consuelo Chapela, em *Desafíos metodológicos de la investigación cualitativa en salud: Remontar la corporeización positivista para mejorar la salud*, discorre sobre a “corporização positivista” de observação da realidade como obstáculo à compreensão da saúde, identificando quatro desafios e um conjunto de possibilidades para a ultrapassar pela via do desenvolvimento da investigação qualitativa. Como desafios: a necessidade de encarar a saúde como facto da vida que acontece na fronteira em que se conjuga o objetivo e o subjetivo; o desafio da credibilidade implicada nas questões da coerência metodológica; o da contundência face às exigências “exteriores” ao campo do qualitativo (nomeadamente editoriais); e o da ética emancipadora no sentido da modificação das condições do sofrimento e das respostas a ele.
- 15 Os dois textos que se seguem centram-se no debate entre os métodos qualitativos e quantitativos. Em *Metodologias qualitativas e quantitativas: De que falamos?*, Madalena Matos apresenta de forma muito clara dados e hipóteses relevantes para a delimitação dos termos do debate tal como ele se traduz na prática da investigação empírica. Apresenta a argumentação que historicamente alimentou esse debate e que, defende, continua a ser relevante hoje, nomeadamente nas suas potencialidades de contribuir para o pensamento crítico nas ciências sociais.
- 16 Em *Metodologias quantitativas/metodologias qualitativas: Mais do que uma questão de preferência*, Amélia Augusto traça um panorama das assunções epistemológicas, axiológicas e ontológicas subjacentes aos paradigmas quantitativo e qualitativo e analisa a discussão teórica sobre o rigor e a qualidade da pesquisa qualitativa. Por via diferente da utilizada pelo artigo de Madalena Matos, também neste se conclui pela potencialidade de a oposição histórica entre os métodos qualitativos e quantitativos dar lançamento a um novo debate que ultrapasse a tentativa pragmática da simples reconciliação.
- 17 Os seis textos que se seguem obedecem a uma lógica diferente, na medida em que não se centram no debate sobre a investigação, mas tratam de problemáticas mais particulares analisadas pelo enfoque qualitativo.
- 18 O artigo de Marilene Cabral do Nascimento e Maria Inês Nogueira, *Concepções de natureza, paradigmas em saúde e racionalidades médicas*, revê a produção do grupo de pesquisa “Racionalidades em Saúde: sistemas médicos complexos e terapêuticas complementares e integrativas” para apresentar a hipótese de que o paradigma vitalista, presente em medicinas tradicionais e historicamente desalojado pelo paradigma biomédico, está a ser retomado e a ganhar novos significados na atualidade.
- 19 Cristina Pereira Vieira, em *Lógicas de risco na experiência da sexualidade juvenil*, traz a problemática da sexualidade juvenil estudada pelo método dos grupos de discussão com jovens portugueses de diversas posições sociais. O artigo dá conta da complexidade do tema, articulando a dimensão objetiva com a subjetiva no que respeita ao nível relacional e cultural das decisões implicadas na visão médica da prevenção dos riscos.
- 20 *Saúde, participação e abordagens deliberativas. Potencialidades e limites dos júris de cidadãos* é o texto apresentado por Mauro Serapioni. Trata o tema tão atual das abordagens deliberativas, concretizado ao setor da saúde e especificado para os júris de cidadãos. O artigo apresenta revisão da literatura essencial relativa à problemática, nomeadamente sistematizando as potencialidades e os pontos positivos bem como os desafios e os

pontos críticos, finalizando com um alerta para a importância de desenvolver estudos acadêmicos nesta área.

- 21 Ricardo Ceccim e col., em *Círculos em Redes: Da construção metodológica à investigação em saúde como pesquisa-formação*, assentam na sua experiência de educação e ensino da saúde a proposta de *círculos em redes* como metodologia “capaz de provocar o diálogo entre pares, em rede, além de *dobrar* e desafiar saberes instituídos”. O conceito de redes e de pesquisa-ação é objeto de uma revisão sintética da literatura e a metodologia dos círculos em redes com que atuam é codificada em categorias de explicitação. Concluem que os círculos em redes constituem um modo de pesquisar que não busca simplesmente a produção de conhecimento, mas também a produção de inteligência coletiva.
- 22 Luiz Carlos de Oliveira Cecilio, no artigo *A questão do “duplo/tríplice estatuto” nos estudos sobre gestão e organizações de saúde no Sistema Único de Saúde no Brasil*, a partir da sua experiência de investigador e gestor (duplo estatuto) da política de saúde brasileira, reflete sobre as dificuldades metodológicas relativas à análise da implicação nas investigações qualitativas. Aponta o retorno do sujeito nos estudos de saúde e os conceitos de trabalhador moral e de usuário moral (moralmente comprometidos, respetivamente, com a gestão e com as orientações do sistema de saúde) como sinalizadores do desafio epistemológico do campo: “o outro lado” a ser visitado.
- 23 O texto de Jonas Ferreira, *Sufrimento e silêncio: Apontamentos sobre sofrimento psíquico e consumo de psicofármacos*, fecha o número. Faz uma incursão na filosofia e na psicanálise para sustentar a reflexão sobre o sentido do sofrimento nas sociedades modernas e em que medida o tratamento com substâncias psicoativas interfere neste processo de significação. Na perspetiva do autor, o sofrimento, que associa com a melancolia, reflete o empobrecimento da experiência na sociedade moderna.